

## Memórias do Pateo do Collegio como lugar pioneiro da educação paulistana

Ivan Fortunato\*

Palavras-chave:  
história da educação  
memória coletiva  
centro histórico de São Paulo

Resumo: O Pateo do Collegio, no coração do centro histórico da cidade de São Paulo, é um lugar de muitas memórias. Seu valor patrimonial, arquitetônico, histórico e material foi reconhecido oficialmente por meio de ato de tombamento (2007), e sua importância para religião e educação foi assinalada pela criação do Museu Anchieta (1979) e da biblioteca Padre Antônio Vieira (2002), ambos no interior de sua edificação principal. Assim sendo, o objetivo principal dessa pesquisa é ressaltar a importância desse lugar enquanto repositório e acervo da memória coletiva para a educação paulistana e nacional.

Keywords:  
history of education  
collective memory  
historic center of Sao Paulo

Abstract: The Pateo do Collegio, in the historic center of São Paulo, is a place of many memories. Its patrimonial, architectural, historical and material values have been officially recognized by listing it in the Register of Historic Places of São Paulo (2007), and its importance for religion and education was settled by the creation of Anchieta Museum (1979) and the library Father Antonio Vieira (2002), both inside the main building. Thus, the main objective of this research is to highlight the importance of this place as a repository of collective memory assets to both São Paulo and the National education.

Recebido em 27 de outubro de 2015. Aprovado em 17 de dezembro de 2015.

E assim Manoel da Nobrega fundaste, sob o sinal de Cristo e numa Escola esta São Paulo de Piratininga. (Tito Livio FERREIRA, 1953, p. 6).

São Paulo provavelmente é a única metrópole do mundo nascida de um colégio (Maria Aparecida LOMONACO, 2004, p. 114).

A ideia de escrever este ensaio, muito embora tenha sido pensada há algum tempo, tornou-se concreta quando fui informado sobre o dossiê “Acervos para História da Educação”, deste Caderno. Isso decorre de dois motivos principais. Primeiro, tenho buscado compartilhar possíveis desdobramentos de minha tese de doutorado, pois, considero isso uma forma de retribuir os anos de aprendizado, possibilitando a construção do conhecimento – ideias para serem compreendidas, refutadas ou debatidas (p. ex. FORTUNATO, 2015). Assim, mesmo tendo desenvolvido meu doutoramento em um programa de pós-graduação em Geografia<sup>1</sup>, há muitas contribuições para outras áreas, inclusive para os

“Acervos para a História da Educação”. Disso transcurso o segundo motivador deste ensaio: tendo minha tese sido produzida sobre o Pateo do Collegio, lugar de fundação da São Paulo e primeira escola da cidade (quando o lugar era apenas um descampado, no alto de uma colina entre o ribeiro Anhangabaú e o rio Tamanduateí), torna-se possível, portanto, considerar o próprio lugar como acervo material (e simbólico) para compreensão da história da educação.

Ainda, tudo isso representa uma complexa relação entre a história da educação brasileira, (1.) iniciada formalmente pelos jesuítas<sup>2</sup> (conforme declamada por Ferreira (1953) na epígrafe), (2.) a influência do espaço escolar construído e a arquitetura da escola nos processos legitimados de ensino-aprendizagem<sup>3</sup> e (3.) a peculiar relação entre educação, a escola jesuíta e o enorme desenvolvimento urbano em seu entorno, ao longo dos séculos, resultando na maior metrópole do hemisfério sul. Curiosamente, no trecho da historiadora Maria Aparecida Lomonaco (2004),

\* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus de Itapetininga. Doutor em Geografia, mestre em Educação, mestre em Comunicação e graduado em Pedagogia. Email: [ivanfrt@yahoo.com.br](mailto:ivanfrt@yahoo.com.br)

reproduzido na epígrafe, a metrópole paulistana nasceu da educação escolar, oficialmente registrada no dia 25 de janeiro de 1554, tornando-se (possivelmente) a única metrópole no mundo a ser estabelecida a partir de um colégio.

Assim, não restam dúvidas de que o Pateo do Collegio, no coração do centro histórico da cidade de São Paulo, é um lugar de muitas memórias. Na tese (FORTUNATO, 2014), apresentei a ideia de valorizar o lugar geograficamente, apresentando-o como um ente (sua ontologia como ser-no-mundo<sup>4</sup>) que se transforma ao mesmo tempo em que transforma a cultura, sendo identificado, pela experiência fenomenológica, como lugar de paz, aprendizagem e devaneios. Ainda, indiquei que seu valor patrimonial, arquitetônico, histórico e material foi reconhecido oficialmente por meio de ato de tombamento (2007), e sua importância para religião e educação não formal foi assinalada pela criação da Igreja e do Museu Anchieta (1979) e da biblioteca Padre Antônio Vieira (2002).

Museu, Igreja e Biblioteca estão localizados no interior de sua edificação principal<sup>5</sup>, a qual pode ser vista, parcialmente, na fotografia da Figura 1.

Por isso aqui, objetivando ir além e com outro viés, o intento principal deste ensaio é ressaltar a importância desse lugar enquanto repositório e acervo da memória coletiva para a educação paulistana e nacional.

De certa forma, o objetivo é demonstrar que o lugar é acervo de excelência para a história da educação.

Para que o objetivo proposto seja alcançado, é preciso reconhecer esse lugar como a pedra fundamental da educação escolar da cidade. Isso quer dizer que o lugar pode ser nomeado, metaforicamente, como um documento histórico oficial, sendo a “certidão de nascimento” da educação paulistana e, ao mesmo tempo, da própria história cultural da metrópole. E, em absoluto, isso pode ser tomado como algo trivial ou como mera curiosidade. A existência material da história tem influência direta na memória coletiva e, portanto, na compreensão de quem hoje somos enquanto cultura, incluindo aí, nossa própria educação escolar.

Afirma-se isso com lastro nas ideias de memória coletiva de Halbwachs (1990), que assegura:

Não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, umas às outras, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Para Maurice Halbwachs (1990), a memória é sempre coletiva e responsável pelo elo entre as gerações, criando o sentido de continuidade e de desenvolvimento da própria humanidade. Assim, a memória é capaz de representar e garantir a história, que não é apenas o

**Figura 1 – O conjunto colégio-igreja no Pateo do Collegio**



**Fonte: Ivan Fortunato, jun. 2012.**

passado, ou o resto do passado, mas parte da própria existência humana. Ainda, a história faz-se presente não apenas nas experiências individuais que nos permitem aprender, mas coletivamente, permitindo, então, que as gerações contemporâneas aprendam com as gerações passadas.

Magalhães (2007, p. 103) faz uma leitura muito parecida sobre a memória coletiva e, ao relacioná-la com o campo da educação, afirma que esta desempenha “papel importante no processo de transmissão social das experiências e da sua significação como aprendizagem”. Não obstante, como vimos na citação de Halbwachs (1990, p. 143), o que possibilita recuperar o passado para estímulo da memória coletiva é sua conservação “no meio material que nos cerca”. Sendo o Pateo do Collegio, portanto, meio material que conserva mais de 450 anos de história da educação paulistana.

Tudo isso nos permite considerar a essência dos lugares apresentada por Relph (2012) e sua relação com a história. Para esse autor:

Nossas experiências de lugar, no entanto, parecem resistir ao tempo. Construções, estradas e costumes locais, que são as manifestações mais óbvias de uma lenta mudança do cenário variável de vidas individuais. Retornamos ao lugar onde crescemos e embora possa haver novas construções e pessoas, isso permanece no mesmo lugar (RELPH, 2012, p. 28).

Conforme já foi delineado, o Pateo do Collegio é o lugar onde São Paulo nasceu e cresceu, ao mesmo tempo em que fez nascer e crescer a educação escolar. Hoje, obviamente, o lugar já não se parece mais com o descampado, em meio à mata, onde São Paulo teve sua primeira escola, mas, ainda é esse mesmo lugar: o guardião da memória mais antiga de educação formal.

Assim, o Pateo deve ser compreendido não apenas por ser o local de estabelecimento cultural dos primeiros habitantes, de uma terra chamada, inicialmente, de Piratininga. Isso porque no Pateo e em seu entorno há muita história, sendo o lugar capaz de “narrar”, pelo seu patrimônio arquitetônico, a acelerada transição de pequeno burgo de 20 mil habitantes, em meados do século XIX, para a Metrópole do Café e, rapidamente, para uma cidade mundial com mais de seis milhões de paulistanos, italianos, japoneses, espanhóis, portugueses etc.

Essa interessante história está (1.) na construção que abriga o Museu e a Igreja, representando a arquitetura colonial de uma época mais “pacata”; (2.) nas primeiras obras do arquiteto Ramos de Azevedo, com prédios ícones da Metrópole do Café; e (3.) na vista para o “Banespão”, primeiro arranha-céu construído para denotar que a cidade havia sido conquistada pela indústria e pelos bancos. Isso sem contar sua presença no “Triângulo Histórico”, o Solar da Marquesa como vizinho, o emblemático Beco do Pinto, a Casa Número I e muito mais<sup>6</sup>. Não obstante, todo esse acervo patrimonial é educativo, colaborando com a ideia de que o lugar é repositório da memória da educação paulistana (FORTUNATO, 2014).

No que diz respeito à salvaguarda de objetos históricos, seu acervo é vasto. No Museu há três seções, cada uma com um propósito específico. A primeira, no piso inferior e ao lado da bilheteria de acesso, tem exposta, ao centro, uma maquete que retrata como era, possivelmente, o lugar e seu entorno nos primeiros anos de sua fundação, além de fotos na parede retratando as diferentes faces do lugar ao longo de sua trajetória evolutiva. A segunda seção, instalada no piso superior, é exclusiva para objetos de arte sacra, incluindo a pia batismal dos jesuítas. A terceira seção, a cripta, fica no subsolo. Ali, onde estão enterrados os restos mortais de vários religiosos, fez-se uma sala de exposição de peças indígenas. Donato (2008, p. 268) apresenta uma detalhada descrição do Museu, afirmando que há aproximadamente 700 peças dos primeiros séculos da vida cultural paulistana.

No piso inferior do Museu há um átrio interior, nomeado de Praça Ilhas Canárias, com infraestrutura para os visitantes: lanchonete, banheiros e bancos à sombra. Nessa Praça, protegida por uma vitrine, mas exposta aos visitantes, há parte de uma parede feita de taipa de pilão, provavelmente restos “vivos” da antiga escola jesuíta. Por fim, a biblioteca Padre Vieira, cujo acesso se dá pela lateral da Igreja, contém um vasto acervo sobre a teologia e filosofia, em especial sobre a Companhia de Jesus, além de registros fotográficos, folhetins, jornais, recortes e manuscritos originais, como as famosas Cartas de Anchieta – embora o primeiro professor da cidade de São Paulo tenha sido o Irmão Antônio Rodrigues

(cf. FERREIRA, 1975), o papel de memorável mestre ficou com Anchieta, por todos os anos de dedicação à educação dos pequenos gentis e filhos dos portugueses que lá chegavam.

Assim, o lugar de nascimento da educação paulistana não pode ser visto como mero repositório do passado. Isso porque suas mudanças ao longo do tempo, registradas no próprio lugar pela salvaguarda de peças no Museu Anchieta, pelos documentos e livros da biblioteca Padre Vieira e os registros tangíveis e intangíveis na paisagem, conservam um tempo que já foi. Esse tempo pretérito, por sua vez, relaciona-se com as gerações seguintes, de certa forma “tocando” minha própria geração e as que seguem depois desta.

E tudo isso começou por causa de uma escola, estabelecida quase que “ao acaso”, na década de 1550. Pois, do que pode ser constatado a partir dos escassos registros históricos, os jesuítas chegaram ao lugar porque teria sido João Ramalho – um português que habitava Santo André da Borda do Campo, mas que não se sabe como lá chegou ou de onde veio (cf. Taunay, 1954) –, genro do cacique Tibiriçá, que teria aproximado os padres jesuítas dos gentis. O cacique, então, teria levado Nóbrega e sua companhia ao descampado no alto da colina, e sua tribo ajudado a erguer a construção que se tornaria o começo, tanto da metrópole, quanto de sua educação escolar. Isso implica, concreta e simbolicamente, compreender que o lugar em si é um acervo fundamental para a história da educação.

Por isso, qualificar o Pateo do Collegio como acervo mais antigo da memória da educação paulistana não é mero capricho de um professor “apaixonado” pelo lugar. Foi nesse lugar que São Paulo teve sua primeira escola, conduzida pelos jesuítas, de acordo com os propósitos educacionais da Companhia de Jesus, que lecionavam para os nobres em Portugal (FERREIRA, 1975). Dessa primeira escola, restaram somente as transcrições do Padre Anchieta (1933), nas quais são registradas as dificuldades de alimentar, cuidar e ensinar os pequenos, sem nenhuma alusão à possível desistência de educar e anotações de que não podemos garantir sua fidedignidade, senão pela importância que Anchieta teve na história da educação e da cidade de São Paulo. Tal importância é assegurada materialmente dentro

do oratório construído em sua homenagem, na igreja Anchieta, no Pateo do Collegio, onde se conservam seu manto e parte de seu fêmur.

Como acervo para a história da educação paulistana e nacional, o Pateo do Collegio salvaguarda, por meio da construção da réplica, a primeira escola, o primeiro mestre, os primeiros alunos, o primeiro método. É, ainda, conforme demonstramos alhures (FORTUNATO, 2015), repositório de toda história cultural de São Paulo, conservando, na materialidade e imaterialidade da paisagem, praticamente todo o desenvolvimento daquele descampado encontrado em 1554, até a gigantesca metrópole, constituída por lei federal em 1973. Assim, conhecer o Pateo é permitir conhecer todo o desenvolvimento cultural, incluindo-se, portanto, todos os desdobramentos, avanços e retrocessos da educação formal paulistana (e até mesmo nacional), até a segunda década do século XXI.

Em essência, o intento aqui foi o de revelar essa complexa trama envolvendo o lugar, a memória coletiva e a educação que, juntos, repercutem no e mantêm vivo esse lugar, que é núcleo evolutivo da grande metrópole paulistana. Ao final, espera-se que tenha logrado fazer ressaltar a importância histórica do Pateo do Collegio como escola pioneira da cidade de São Paulo, mas também destacar sua fundamental presença enquanto lugar pioneiro de educação, seja como arquivo e guardião da memória coletiva, seja como catalisador de novos conhecimentos educacionais.

## Notas

1 Faz-se necessário agradecer o empenho e a dedicação da minha orientadora durante minha passagem pela pós-graduação em Rio Claro, Livia de Oliveira, professora emérita.

2 Sobre a História da Educação Brasileira, recomendo a leitura de Shigunov Neto (2015).

3 Como exemplos desta interface, podemos citar Buffa (2015), que relaciona a transformação da arquitetura escolar com quatro (ou cinco?) períodos distintos da educação brasileira, desde 1890, e Silva (2012), que considera a possibilidade de utilizar a arquitetura escolar como fonte para a história da educação.

4 Em poucas palavras, essa ideia emerge da filosofia de Heidegger (2005), que se contrapõe ao “penso, logo existo” cartesiano. Isso quer dizer que Heidegger (2005) considera a

ontologia como a essência do ser, que é a própria existência, sem, necessariamente precisar pensar sobre. A partir de Dardel (2011), estudos da Geografia Humanista vêm considerando a ontologia dos lugares.

5 Essa construção é de 1979. O conjunto colégio-igreja passou por inúmeras transformações arquitetônicas e de uso. O edifício que permaneceu mais tempo no lugar foi demolido no final do século XIX, mas a população paulistana reconquistou seu lugar de nascimento, por meio da construção dessa réplica (ver FORTUNATO, 2014).

6 O “Triângulo Histórico” é a área urbana mais antiga da cidade. Visto de cima, o traçado das ruas que compõem o lugar (Rua São Bento, Direita e Boa Vista) se assemelha com a figura geométrica de um triângulo. O Solar da Marquesa é uma das construções mais antigas da aristocracia paulistana, lar da Marquesa de Santos, onde hoje, após várias obras de restauro, é a sede do Museu da Cidade. Ao lado do Solar está a Casa Número I, outro sobrado restaurado que funciona como Museu da Imagem de São Paulo. Entre os dois sobrados, fica o Beco do Pinto, travessia que, provavelmente, ligava o alto da colina ao vale do rio Tamanduaté. Estes são poucos exemplos da miríade de elementos simbólicos presentes no lugar, potencialmente capazes de explicar a cultura passada e presente e suas transformações (FORTUNATO, 2014; DONATO, 2008).

## Referências

- ANCHIETA, J. **Cartas**: informações, fragmentos históricos e sermões (1554-1594). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933. 562 p.
- BUFFA, Esther. Grupos escolares paulistas: organização do espaço e propostas pedagógicas (1893-1971). **Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 128-154, 2015.
- CARVALHO, M. C. W. **Ramos de Azevedo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159 p.
- DONATO, H. **Pateo do Collegio**: coração de São Paulo. São Paulo: Loyola, 2008. 273 p.
- FERREIRA, Tito Livio. Fundação de São Paulo. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 9-17, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Nóbrega e Anchieta em São Paulo de Piratininga**. São Paulo: Casper Libero, 1953. 98 p.
- FORTUNATO, Ivan. Historicidade e geograficidade do Pateo do Collegio, coração do centro histórico de São Paulo. **Coletânea** (Rio de Janeiro), 2015. [no prelo].
- \_\_\_\_\_. **Pateo do Collegio**: um lugar na cidade de São Paulo. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). Rio Claro: IGCE, 2014.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990. 222 p.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 15. Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LOMONACO, Maria Aparecida. O Pátio do colégio: um lugar de muitas memórias. In: BUENO, Eduardo. (Org.) **Os nascimentos de São Paulo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 113-143.
- MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. Educação, história e memória: uma aproximação do estudo geracional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 28, p. 99-105, dez. 2007.
- RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. Tradução de Eduardo Marandola Junior. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.
- SHIGUNOV NETO, Alexandre. **História da educação brasileira**: do período colonial ao predomínio das políticas educacionais neoliberais. São Paulo: Salta, 2015. 277 p.
- SILVA, Fábio Luiz da. A arquitetura escolar como fonte para a história da educação. In: XIV Semana da Educação. Pedagogia 50 anos: da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras à Universidade Estadual de Londrina, 2012, Londrina. **Anais...** 2012.
- TAUNAY, A. E. **Velho São Paulo**: Colégio – Sé – Paço. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

